

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TECHNICOLOR: O ESPLENDOR DA COR
1 e 21 de agosto de 2023

THE NAKED JUNGLE / 1954

(*Marabunta*)

um filme de Byron Haskin

Realização: Byron Haskin / **Realizador de Segunda Equipa:** Arthur Rosson / **Argumento:** Philip Yordan, Ranald MacDougall (e, não creditado, Ben Maddow), segundo o conto de Carl Stephenson, "Leiningen versus the Ants" / **Fotografia:** Ernest Laszlo / **Fotografia (2ª Equipa):** Loyal Griggs / **Música:** Daniele Amfitheatrof / **Figurinos:** Edith Head / **Efeitos Especiais:** John P. Fulton, Farciot Edouard / **Direcção Artística:** Hal Pereira, Franz Bachelin / **Montagem:** Everett Douglas / **Conselheiro Técnico:** Reginald Lal Singh / **Intérpretes:** Charlton Heston (Christopher Leiningen), Eleonor Parker (Joanna Leiningen), Abraham Sofaer (Incacha), William Conrad (Comissário), Romo Vincent (capitão do barco), Douglas Fowley (feiticeiro), John Dierkes (Gruber), Leonard Strong (Kutina), Norma Calderon (Zala), John Mansfield (capataz), Ronald Alan Numkena (rapaz índio), Bernie Gozier, Jack Reitzen, Rodd Redwing, Pilar Del Rey, John E. Wood, Jerry Groves, Leon Lontoc, Carlos Rivero.

Produção: George Pal, para a Paramount / **Produtor Associado:** Frank Freeman Jr / **Cópia:** 35mm, colorida, versão original com legendagem eletrónica em português, 95 minutos / **Estreia Mundial:** Fevereiro de 1954 / **Estreia em Portugal:** Monumental, em 10 de Setembro de 1954.

A sessão de dia 21 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

George Pal, nascido na Hungria em 1908, especializou-se no cinema de marionetas, primeiro em filmes publicitários (Philips) na Holanda em meados da década de 30, sendo, depois, contratado para Hollywood onde vai desenvolver o mesmo tipo de trabalho, como realizador e produtor. Mas é no pós-guerra que ele conquista o grande mercado com as técnicas revolucionárias de efeitos especiais que desenvolve para uma série de filme de ficção científica que produz, premiados com Oscars e que se tornaram clássicos, como **Destination Moon/A Conquista da Lua** de Irving Pichel (1950), **When Worlds Collide/Quando os Mundo Chocam** de Rudolph Maté (1951) e **The War of the Worlds/A Guerra dos Mundos** de Byron Haskin (1953). Mais tarde, também como realizador, dar-nos-á **Tom Thumb/O Pequeno Polegar** (1958) e **The Time Machine/A Máquina do Tempo** (1960). **The Naked Jungle** é uma obra original que foge em parte ao esquema dos restantes filmes produzidos por Pal e é, também, um dos melhores.

A diferença está principalmente no "género". **The Naked Jungle** é mais um filme de aventuras exóticas com toques de "fantástico" e de "melodrama". Por uma vez esta mistura resulta efectiva e funciona às maravilhas. Como filme de aventuras ele inscreve-se numa série de produções a que a Paramount se entregara para aplicar a paleta do Technicolor por paisagens exóticas e pelos cabelos ruivos de Rhonda Fleming e Arlene Dahl, entre outras "rainhas do Technicolor" em filmes como **Jivaro, Tropic Zone/Oiro Verde, Hong Kong, Crosswinds/O Tesouro Perdido**, etc, dirigidos por realizador seguros e sabedores do ofício como Edward Ludwig e Lewis R. Foster. Mas destaca-se por uma maior complexidade, riqueza psicológica e um diálogo carregado de subentendidos eróticos. Uma razão de peso é o argumento, mas também a sua origem, um conto pouco conhecido de Carl Stephenson, "Leiningen Versus the Ants", publicado na "Esquire" em

1938. Diz a história que após o sucesso de **The War of the Worlds**, George Pal procurava um argumento para um novo filme e Philip Yordan lembrou-se de uma novela que lera em tempos mas de que seria difícil comprar os direitos porque ninguém sabia do autor. Após investigações que incluíram a publicação de anúncios na imprensa mundial o escritor foi descoberto numa pequena cidade austríaca e os direitos comprados por 6 mil dólares. A Paramount resolve entregar a direcção a Joseph H. Lewis mas problemas surgidos entre o realizador e o estúdio fizeram com que Pal conseguisse impor o seu cúmplice de **The War of the Worlds**, Byron Haskin. O argumento deveria ser escrito por Yordan e o papel da heroína, uma jovem e frágil virgem, caberia a Leslie Caron. É de novo a Paramount que faz valer a sua força impondo Eleonor Parker, uma actriz que tinha sob contrato. Mas a diferença entre as duas mulheres é enorme, e ninguém conseguiria ver (e aceitar) uma esplendorosa Eleonor Parker no papel de uma... virgem. E é neste ponto que as coisas mudam definitivamente para o filme que vamos ver. O argumento foi reescrito e adaptado à imagem da nova actriz, e nele colaborou um argumentista, Ben Maddow (não creditado no genérico por se encontrar "blacklisted", sendo Yordan o "testa de ferro", como foi, principalmente com proveito, de outros na mesma situação) que lhe deu o tom de ironia e subtileza dos diálogos. A esta participação "anónima" juntou-se a de Randal MacDougall, outro argumentista conhecido pelos retratos fortes e desenvolvimentos psicológicos dos personagens (e que como realizador será, mais tarde, o autor do notável **The World, the Flesh and the Devil/O Mundo, a Carne e o Demónio**).

A maior parte de **The Naked Jungle** centra-se à volta do "jogo" e do desejo entre Leiningen (Charlton Heston) e Joanna (Eleonor Parker). Mesmo os outros personagens secundários funcionam apenas em função das suas reacções ou para destacarem, por contraste, as suas presenças. E esse "jogo" começa logo no primeiro encontro. É aqui que a figura de Eleonor Parker é fundamental. A presença de uma Leslie Caron não provocaria da parte de um personagem como Leiningen, a reacção que provoca a Joanna de Parker, apresentando-se logo num "negligé" que reforça a sensualidade que dela emana, trazendo, como se referia Hitchcock, "o sexo na cara". Esta primeira reacção marca definitivamente todos os encontros seguintes, e a partir daí o diálogo começa a ser marcado pelos subentendidos que Leiningen julga perceber nas frases da mulher (o piano que "toca melhor quando é usado", mostrando como o piano "virgem" que está na sala não está afinado, numa referência ao facto de ser viúva e, logo, "experiente"). Leiningen não procura sequer ver se Joanna se adapta ao "seu" meio. Recusa-a de imediato como um "objecto usado", ele que quer tudo novo e intocado na sua vida. Embora por momentos vacile, na cena do quarto, a que a fotografia de Ernest Laszlo dá uma forte componente erótica. E o conflito deles vai evoluindo da agressividade verbal para o silêncio.

O silêncio representa, no filme, o momento decisivo, em que tudo se prepara para o desenlace. Em plena selva Leiningen e a mulher, e o comissário ficam perturbados pelo inesperado "silêncio" que os rodeia. Um silêncio que "ouvem" e os acorda de noite. Um silêncio provocado pela fuga dos seres vivos perante a inesperada invasão: uma imensa praga de formigas (o realizador Byron Haskin declarou que foi ele que "inventou", para o filme, o termo "marabunta", para designar as formigas "invasoras") que avançam pela selva destruindo tudo à sua passagem. É então nos últimos 20 minutos que as técnicas de George Pal ocupam o primeiro plano, para lhe dar o lado espectacular de filme "catástrofe" e que culmina com a explosão do dique e a enxurrada pelo leito seco do rio até às portas da mansão de Leiningen, que põe fim à ameaça. Sequência notável e das melhores do género para o seu tempo. Mas esta parte espectacular e de pura acção não é, como na maior parte dos filmes do género, aquele momento que se espera e para o qual todo o filme foi construindo. Esta sequência representa a superação do conflito. O triunfo de Leiningen sobre a "marabunta" e também o triunfo sobre si mesmo e os preconceitos que o marcavam. Ele e Joanna podem, agora, começar de novo.

Manuel Cintra Ferreira